

OS SEMELHANTES EM UMA TOADA RUMO AO ESQUECIMENTO

Aristelson Gomes dos Santos(UNEMAT)¹⁷

Resumo: A proposta deste artigo visa discutir a relação entre duas obras do escritor brasileiro Ricardo Guilherme Dicke (1936 – 2008), na perspectiva de enquadrá-las num prisma de leitura que discute o comportamento do homem na pós-modernidade. Assim, as obras que farão parte do escopo de estudo deste trabalho são: *Os semelhantes* (2011) e o conto “Toada do Esquecido”, do conjunto da obra intitulada: *Toada do Esquecido e Sinfonia Eqüestre* (2006). Para entender tal proposta, essa leitura busca encontrar relações que os personagens de ambas as obras representam em sua vivência que se assemelham com a do homem moderno no aprendizado da vida em tempos em que as certezas estão sendo abaladas.

Palavras-chave: Pós-modernidade; Identidades; Personagens; Esquecimento; Ricardo Guilherme Dicke.

Resumo: El propósito de este trabajo se analiza la relación entre las dos obras del escritor brasileño Ricardo Guilherme Dicke (1936 - 2008) con el fin de colocarlos en un prisma de leer discutir el comportamiento humano en la posmodernidad. Por lo tanto, las obras que formarán parte de este estudio de alcance de trabajo son: *Os Semelhantes* (2011) y el cuento "Toada do Esquecido" por el trabajo conjunto titulado: *Toada dos Esquecido e Sinfonia Equestre* (2006). Para entender esta propuesta por lo que quiere encontrar relaciones que los personajes de ambas obras representan su experiencia que se asemejan al hombre moderno en el aprendizaje de la vida en momentos en que están siendo sacudidos las certezas.

Palabras-clave: La postmodernidad; Identidades; caracteres; El olvido; Ricardo Guilherme Dicke.

Nosso estudo centra-se em compreender e discutir as questões do jogo das Identidades fragmentadas nas obras “Toada do Esquecido e Sinfonia Eqüestre” (2006) e *Os Semelhantes* (2011) do escritor Ricardo Guilherme Dicke (1936-2008), associando à modernidade e à pós-modernidade. Como buscamos compreender as Identidades sob a ótica da modernidade e a pós-modernidade, mobilizaremos algumas noções teóricas de estudiosos desse tema como: Stuart Hall, *A Identidade cultural na pós-modernidade*

¹⁷ Aristelson Gomes dos Santos (aristelson_tel@hotmail.com), aluno da Pós-graduação – Nível Mestrado – no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT Campus Universitário de Tangará da Serra - MT.

(2006), Antony Giddens, *Modernidade e Identidade* (2002), Marshall Berman, *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade* (1986), entre outros estudiosos que discutem sobre essa temática. Quando trazemos para nosso estudo os personagens dickeanos inseridos dentro dessa ótica de leitura, que envolve os jogos de identidades que tais indivíduos procuram, queremos abordar e discutir as inquietudes do homem com dificuldades para se estabelecer frente ao mundo moderno.

Ao trazer para este trabalho um estudo relacionado às inquietudes do ser humano moderno, não queremos traçar um perfil que discuta e traga respostas fechadas e acabadas para este ser, pois fazendo isso, estaríamos indo na contramão do que os estudiosos nos orientam sobre a modernidade. Nosso trabalho visa discutir aspectos sobre a busca das identidades dos personagens dickeanos em “Toada do Esquecido” e *Os semelhantes*, e compreender como é organizada e pensada a questão das identidades na pós-modernidade através dos personagens fictícios de Ricardo Dicke. Daí a pesquisa justifica-se relevante por trazer assuntos da contemporaneidade e nada melhor que discutir essas questões, com obras literárias contemporâneas.

Para compreendermos sobre tais questões é necessário fazer um percurso teórico para entendermos o que é moderno, modernidade e pós-modernismo. Sabemos que essas terminologias são usadas para designar alguns momentos vivenciados pela sociedade ao longo dos processos de mudanças registradas nos últimos séculos da história social. Sendo assim, o sociólogo Antony Giddens (1991), ao fazer um estudo sobre *As consequências da modernidade*, delimita um espaço e uma data de onde emerge o conceito de modernidade.

"Modernidade" refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência. Isto associa a modernidade a um período de tempo e a uma localização geográfica inicial, mas por enquanto deixa suas características principais guardadas em segurança numa caixa preta. (GIDDENS, 1991, p. 8, grifos do autor)

O sociólogo, ao pontuar o espaço e uma data, também sinaliza as influências deste tipo de organização social que viria acontecer em momentos posteriores. Nesta perspectiva, Giddens (2002), ao tratar sobre *Modernidade e identidade*, descreve:

A modernidade é uma ordem pós-tradicional, mas não uma ordem em que as certezas da tradição e do hábito tenham sido substituídos pela certeza do conhecimento racional. A dúvida, característica generalizada da razão crítica moderna, permeia a vida cotidiana assim como a consciência filosófica, e constitui uma dimensão existencial geral do mundo social contemporâneo. (GIDDENS, 2002, p. 10)

O estudioso ao tratar sobre a *dúvida*, como um marca do mundo social contemporâneo, situa o homem em um espaço em que suas ações são determinadas, não mais por preceitos preestabelecidos e sim no “contexto da consumada *reflexividade*, que é a terceira maior influência sobre o dinamismo das instituições modernas” (ibidem, 2002, p. 25, grifos do autor). Assim, tudo o que é pensado e feito na modernidade passa pelo crivo da reflexividade, portanto, o “eu” se torna um projeto reflexivo por causa da demanda da reorganização psíquica que esse “eu” precisa passar.

Por causa desta reorganização, Hall (2006) discute que:

As sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela "diferença"; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes "posições de sujeito" –isto é, identidades – para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta. (HALL, 2006, p. 17 grifos do autor.)

Pensar a modernidade nesses parâmetros é compreender que os indivíduos, desse momento, transitam num espaço em que as certezas e as dúvidas estão sempre em processo de revisão e reorganização. Logo,

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. (BERMAN, 1986, p. 15)

Desse modo, associamos neste trabalho obras que de certa forma dialogam com os problemas existenciais do homem da modernidade que está sempre na busca por algo que o defina e o complete. Isso porque, tanto o mundo quanto este ser estão num processo constante de mudanças, e mudança é um dos pilares da modernidade. Quando se discute

mudanças, logo pensamos em alteração ou um processo de adequação de algo e, é exatamente nesse processo de adequação que os personagens dickeanos se encontram, lançados no devir da vida em busca do revelar de uma identidade. Pensando nessa busca incessante e inconstante dos personagens das obras “Toada do Esquecido” e *Os Semelhantes*, podemos mobilizar para essa discussão o que Hall (2006), desenvolve sobre *A identidade cultural na pós-modernidade*. O estudo que Hall desenvolve centra-se em discutir como o sujeito moderno se relaciona com esse momento histórico em que as certezas, a todo instante estão sendo bombardeadas, porém a instabilidade faz parte desse contexto, além disso, como esse sujeito pensa e discute sobre as múltiplas identidades que ele precisa incorporar para sobreviver nessa sociedade. Nessa perspectiva, o que se estabelece dentro dessa dicotomia é o fato dessas identidades darem um novo rumo para o sujeito dentro da sociedade contemporânea. Pois este sujeito se apresenta como fragmentado, ou seja, ele ainda não é portador de uma identidade fixa que o defina e ao mesmo tempo defina o seu espaço social. Assim, a identidade sólida que se podia pensar em uma determinada sociedade, hoje passa por grandes transformações e, sobre essas transformações o autor explica:

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, 2006, p. 9)

Sendo assim, o deslocamento e a descentração do sujeito são questões fundamentais encontradas nos personagens dickeanos que estão lançados num mundo que coloca em xeque a integridade de cada indivíduo que compõe as obras dessa interpretação. Interpretar os personagens nessa perspectiva de estudo, é uma forma de entender um pouco mais sobre a nossa constituição social, de sujeitos lançados também nesse mundo moderno. Pensar em modernidade é ao mesmo tempo pensar em si mesmo dentro desse contexto conturbado, pois como o estudioso pontua, não dá para se chegar a uma definição de identidade nesse momento, isso porque, nós, os integrantes dessa época, estamos nos tornando objetos dessa transformação e fragmentação. Por estas razões, o homem moderno sempre estará rodeado de questionamentos sobre si e, ao mesmo tempo,

sobre o seu ambiente, pois tanto este quanto aquele, estão em processo de modificações, sempre descentrados e em movimento.

Tanto em “Toada do Esquecido” como N’*Os Semelhantes*, podemos estabelecer essa relação de desintegração dos personagens que estão lançados numa viagem/fuga que fora tomada desde suas próprias escolhas. Entretanto, foi uma decisão que os levaram a padecer as angústias da vida, sem terem a noção do porque de tudo aquilo. Sendo assim, por mais que as personagens fizessem suas escolhas de forma consciente, no desenrolar da trama essas escolhas lhes trariam a dúvida, algo que precisavam levar para o resto de suas vidas. Nessa perspectiva Giddens (2002), faz as seguintes considerações:

A modernidade institucionaliza o princípio da dúvida radical e insiste em que todo conhecimento tome forma de hipóteses- afirmações que bem podem ser verdadeiras, mas que por princípios estão sempre abertas à revisão e podem ter que ser, em algum momento, abandonadas. (GIDDENS, 2002, p. 10)

É nessa dualidade de substituições que são geradas com as dúvidas que, em alguns momentos os personagens dickeanos precisam estar abertos para uma nova afirmação. Nesse caso, não se pode firmar uma ideia que não haja lacunas para ser discutida sobre, pois a reflexão também é um dos pilares que sustenta a ideia da pós-modernidade.

O que podemos estabelecer dentro deste contexto nevrálgico da pós-modernidade é que o ser humano mais do que nunca está aberto para rever, construir e, ao mesmo tempo desconstruir o que tem estabelecido como imutável. Na verdade, na pós-modernidade não existe nada que possa ser pensado como imutável, pois tudo está em processo de mudanças e, as transformações que o homem sofre, também refletem no mundo em que ele vive e vice-versa. Sobre isto Giddens (1991), nos aponta:

Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não têm precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. (GIDDENS, 1991, p. 10)

Pensando nestas profundas mudanças que a sociedade moderna tem sofrido e que tem alterado significativamente as características de nosso cotidiano, Hall (2006), faz um levantamento sobre três concepções de identidades que perpassam no sujeito

Iluminista, Sociológico e Pós-moderno, cada um destes com suas concepções. Cada sujeito dessas épocas carrega consigo um modo de pensar sobre a identidade. A primeira constituía um sujeito com uma identidade centrada que se desenvolvia desde o seu nascimento até a morte, permanecendo essencialmente com a mesma identidade; a segunda concepção já trazia nuances do mundo moderno em que a identidade poderia ser definida como coletiva, ou seja, ela era formada na relação com outras pessoas por meio da interação; já a concepção de identidade na pós-modernidade, o sujeito não é mais portador de uma identidade, mas de várias identidades e, dentro dessa multiplicidade de identidades muitas delas são contraditórias ou não resolvidas.

Trazer para nossa pesquisa os personagens dickeanos é uma tentativa de entender o funcionamento e o comportamento do homem moderno frente às profundas mudanças enfrentadas nesse momento. Em meio a essas mudanças, esse indivíduo é cercado pelas indagações em busca de conhecimento sobre si e sobre as coisas que lhe cerca. Neste contexto turbulento, o narrador de “Toada do Esquecido” discute:

Desenrolam-se os dias, dia após dia ante nossos olhos como eternos rolos de pergaminho sem fim: neles poderemos pôr as inscrições que quisermos. Onde estão os ninhos dos pássaros, o que falam as formigas, o que sonham os mais loucos poetas, o que pensamos ontem, onde vai o tempo, onde está Deus, o que acontece depois da morte, onde se afunda o nosso inconsciente: tudo o que nos cerca é um grande mistério. (DICKE, 2006, p. 104)

Ricardo Dicke, nessas obras, faz discussões profundas sobre a verdadeira condição do homem enclausurado dentro de si que, verticalizando nossa percepção para tais questões perceberemos que o autor traz em sua escrita discussões profundas de cunho filosófico e sociológico. O olhar de Ricardo Dicke volta-se para discutir, também, sobre o individualismo do homem na pós-modernidade que, por mais que ele viva num mundo interconectado, esse indivíduo se sente distante dos demais integrantes dessa sociedade. Um exemplo desta questão encontramos neste excerto:

Quando se encontram pessoas ditas bem, gradas, dessa pequena sociedade que é a família, é só para conversar sobre seus cães, carros, chácaras, propriedades, etc. até a exaustão, jamais falam de algo melhor que eles não entendem nem nunca entenderão, como por exemplo a Literatura ou um moteto de Bach... (ibidem, p. 34).

Por mais que as personagens dickeanas transitem em um espaço que julgamos ser regional, como por exemplo: “Rio Guaporé, Chapada dos Parecis, Mato-grosso, Vila Bela” (ibidem. p. 57), ou, os garimpos de diamantes em Coxipó do Ouro, regiões existentes no estado de Mato Grosso, Dicke, por meio de sua escrita faz com que seus personagens transcendam esse espaço e dialogue com o homem universal moderno. Tal diálogo se estabelece nos grandes questionamentos que são levantados por seus personagens sobre a vida, a morte, o que aconteceria após a morte, de onde vem e para onde vão que, na verdade, são indagações que permeiam a vida do homem pós-moderno. Isso torna Ricardo Dicke um escritor contemporâneo e também com visões contemporâneas, pois como nos explica Agamben (2009), “Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver a obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente” (p. 62).

É em meio a essa obscuridade do presente que Dicke traz para nós, obras que nos fazem refletir sobre nossa existência e, pelo menos buscar compreender nosso tempo. Seus personagens são carregados de características que se assemelham com o ser humano de nossa época, isto é notável nos sentimentos de avareza, de inveja, ódio, de angústia que rondam a vida desses seres ficcionais que estão sempre em discórdia com os demais e consigo mesmos. Entender tais questões não resolverá as contradições que impregnam a vida moderna, mas auxiliará a compreendê-las, para que possamos ser claros e honestos ao avaliar e enfrentar as forças que nos fazem ser o que somos. Sendo assim, ao depararmos com personagens que lutam contra suas próprias imposições, como em “Toada do Esquecido”, e *N’Os Semelhantes*, que tentam fugir e justificar seus atos, de forma ficcional, estes indivíduos, que estão lançados no labor da vida exaustiva, nos revelam os grandes conflitos que o homem moderno enfrenta enclausurado dentro de si. Essa aproximação do personagem ficcional dickeano com o homem moderno é algo que vale a pena ressaltarmos em nosso estudo.

Como defende Antonio Candido (2006), a literatura e a vida social devem manter uma relação estrita, pois ambas se complementam. Logo, essa relação é visível nas duas obras em estudo. No entanto, vale ressaltar que a literatura também não tem o compromisso de historiografar um fato social como um sociólogo faria, nesse sentido, Candido (2006, p. 31) nos adverte: “Este caráter não deve obscurecer o fato da arte ser, eminentemente, comunicação expressiva, expressão de realidades profundamente radicadas no artista, mais que transmissão de noções e conceitos”. Salientando ainda mais

sobre a arte literária, o estudioso ainda ressalta: “Mas, justamente porque é uma comunicação expressiva, a arte pressupõe algo diferente e mais amplo do que as vivências do artista” (ibidem, p.32). Adotando tal pressuposto, a verdadeira arte é aquela que nos faz enriquecer, ou que nos proporciona a buscar um sentido para a vida. E pensando nesse enriquecimento que a literatura traz à vida, pensemos que o mundo que nos é apresentado pela arte literária é um mundo que é construído à parte, isso porque seus personagens também são construções, mas são construções que, de certa forma, conseguem dialogar com nosso mundo e, ao mesmo tempo, nos instigam a refletir sobre ele.

Em “Toada do Esquecido”, desde o início da narração o leitor já se depara com um labirinto em que tempo, espaço, enredo, trama e personagens estão deslocados, provocando estranheza e dúvidas. Como descrito na *Nota dos Editores*, na mesma obra *Toada do Esquecido e Sinfonia Eqüestre* (2006, p. 9), “As personagens enigmáticas assim o são, porque o narrador é a esfinge que o leitor precisa devorar. O narrador, os narradores, ou as personagens-narradoras – talvez nunca saberemos – tecem a trama para captar o leitor”. É neste contexto fragmentado, em todos os sentidos, que Ricardo Dicke apresenta aos seus leitores obras que tem personagens e mundo quase sem sentidos. Assim, temos em suas obras o drama dos roubos, das disputas pela posse de bens e de terras, como também, as decepções amorosas, os assassinatos e suas vinganças, algo que se aproxima ao universo do homem movido por todos esses sentimentos.

Como nossa pesquisa visa discutir sobre as identidades fragmentadas e deslocadas do homem pós-moderno, Dicke, nas obras em análise, nos norteia para discutirmos essa situação tanto em seus personagens como em seu narrador enigmático. A junção, que na verdade cria uma hibridização, que há entre personagem e narrador é algo profundo encontrado dentro desse conto, pois é como se Dicke inserisse esse ser narrador para figurar ainda mais a vivência obscura e indefinida de seus personagens atravessados pelos diversos discursos. A indefinição é algo pujante em todos os aspectos da obra em estudo, isto porque o narrador, os personagens, o ambiente e toda construção são enigmáticos. A dúvida, algo predominante no conto, faz com que eles cheguem a esta conclusão:

É trágica a verdadeira condição do homem: fechado em si mesmo incommunicavelmente, nada pode dizer de si, de seu mais íntimo, daquilo que se lhe passa no âmago, porque ninguém o entenderá se o disser, até que a morte chegue: só aqui e agora nós entendemos... (DICKE, 2006, p. 33).

Movidos pela dúvida e pelo desconhecimento de si e de tudo os personagens em “Toada do Esquecido” seguem numa fuga por ambientes que pelas suas imagens, também se apresentam diluídos pela devastação. O sentimento de dúvidas é algo que faz parte da vida de todos os seres ficcionais neste conto e, isto fica claro neste fragmento: “(...) já não sei há quanto tempo estamos aqui viajando, o tempo se perdeu atrás duma cortina de semanas, talvez meses, os dias se foram, para onde foram? Ninguém sabe, e todos fingem que o sabem, tão seguros de si” (DICKE, 2006, p. 15). Com base neste trecho podemos estabelecer o sentimento de dúvida e solidão eminente na vida desses seres ficcionais que foram lançados no mundo do esquecimento e, que lutam em busca de algo que os definam, mesmo que seja por meio do fingimento. Isso porque os elementos que compõem a narrativa corroboram para este sentido de dúvida mesclada de esquecimento.

Essa dicotomia entre mundo ficcional e mundo real se estabelece de forma dialógica, ou seja, um correlacionado ao outro, é como se o mundo real servisse como palco para encenação dos mistérios do mundo ficcional dos personagens dickeanos. No entanto, os personagens do conto se vestem de uma roupagem, ou melhor, de máscaras para poderem representar e encenar o seu papel numa forma de criticar o mundo moderno que não passa de uma amostragem superficial e sedutora. Com a frase: “Circo e carnaval e é tudo” podemos estabelecer mais algumas relações. A junção dessas duas formas de expressão cultural, “circo” e “carnaval”, espaço em que os personagens, ou pessoas comuns podem esconder suas “verdadeiras” identidades e viver uma realidade fictícia que somente através desses ambientes é possível vivenciá-las. No entanto, desse “circo” e “carnaval”, esses personagens jamais puderam sair, pois eles assumem uma sentença que os fadaram à morte, “a única certeza de todos os seres”.

Neste mesmo contexto penumbroso temos também, os personagens do romance *Os Semelhantes* (2011) lançados no mundo caótico da dúvida, do ódio, da desilusão e da disputa pela riqueza que era extraída dos garimpos de diamantes no distrito da Guia, próximo de Cuiabá-MT, lugar onde a busca por uma pedra de diamante mobiliza todos os conflitos dos personagens na obra. Como nossa proposta é de estabelecer um paralelo entre as duas obras, o conto e o romance, em busca de compreender o jogo das identidades dos personagens dickeanos, vamos nos ater às questões que se assemelham em ambas as obras. Apesar de uma delas ser um conto e o outro ser um romance, nada nos impede de

estabelecermos um fio condutor que nos leve a pensar os personagens enclausurados num descentramento de identidades que se assemelham ao homem do mundo pós-moderno.

O fio condutor, que nos faz ligar essas duas obras são, exatamente, os grandes conflitos internos dos personagens trilhando os caminhos e descaminhos, numa luta constante com os seus problemas de existencialidade, frente a um mundo de superficialidades e inconstante. Temos na primeira obra personagens que fogem em busca de refúgio para poderem desfrutar das suas posses, na segunda obra, temos personagens que também estão numa fuga tentando se libertar de algo que os consome diuturnamente, que é a culpa. Nesse caso, temos uma tríade estabelecida que se configura nos sentimentos de dúvida mesclada de esquecimento, medo e culpa. Essa presença é constante nas duas obras. Desse modo, temos personagens que estão na busca de suas identidades a partir de suas próprias experiências de vida, pois são “pessoas comuns”, lutando contra os seus próprios medos e procurando entender a si próprio. Na verdade, essa busca pelo entendimento de si é um dos grandes temas do romance pós-moderno, pois o cotidiano e as lutas internas do ser humano tornam-se matéria prima do romance.

Tanto no conto, como no romance as ações se desencadeiam baseando-se em decisões dos próprios personagens. São essas decisões que vão determinar as peripécias que cada um deles precisam enfrentar. N’*Os Semelhantes*, as ações dos personagens giram em torno de uma pedra de diamante. É pela posse dela que todos vão ao extremo e lutam mostrando até que ponto o ser humano pode chegar para galgar uma posição social. Para tanto, necessário fez cometer um crime para ter a posse da pedra, algo que revela a tamanha crueldade do homem quando quer assumir uma condição não era dele. Assim era o que sentia o personagem Abadia, um desejo indomável pelo Diamante que o fez tirar a vida de seu próximo para ter sobre seu domínio a valiosa pedra. No entanto, vale ressaltar que tal atitude o fez sofrer as consequências para o resto de sua vida, pois é a partir da tomada do Diamante que sua consciência torna-se a maior rival que ele deveria suportar para o resto de sua vida. A acusação, que a todo instante martelava em sua mente, através de sua consciência foi o preço que Abadia precisou pagar para ter o Diamante e pela vida de seu companheiro de serviço que precisou tirar.

Percebemos que a busca pela posse da pedra preciosa e a presença dela é algo que provoca um esvaziamento dos valores éticos e morais daqueles seres ficcionais que, além de praticar atos desonestos tentam justificarem-se, defendendo a sua postura. Esse tipo de comportamento também se configura como uma característica da modernidade e,

nessa perspectiva Berman (1986, p. 20) pontua: “A moderna humanidade se vê em meio a uma enorme ausência e vazio de valores, mas, ao mesmo tempo, em meio a uma desconcertante abundância de possibilidades”. É justamente nesse vazio que os personagens dickeanos se encontram, buscando se estabelecerem em meio às possibilidades que o seu mundo proporciona.

Assim como temos em Abadia um personagem que luta para esquecer o seu passado criminoso, que a todo o momento é rememorado no silêncio da noite, através do canto do pássaro e até mesmo na face da lua, encontramos também essa luta na personagem Ramonita. Uma jovem também de destaque no romance que traz algo que se assemelha ao homem moderno multifacetado e cheio de indagações. Ramonita era uma jovem com grandes problemas internos que em muitos momentos se perdia no silêncio da noite em seu quarto pensando sobre a sua vida solitária. O que se percebe em todos esses seres ficcionais é que cada um tem uma vida que, de certo modo, os distancia e individualiza uns dos outros. São exatamente os descaminhos que eles precisam trilhar na obscuridão de suas próprias vidas, lutando desesperadamente contra as inquietudes, o medo, a culpa e a dúvida que eles precisavam trilhar. Disso resultam as inversões de valores que os seres ficcionais dessa obra sofrem, por não conseguir organizar e suportar seus traumas internos. Assim, ao assumir a posição do outro repete as mesmas atrocidades que, antes, ele mesmo refutava.

Essa transposição de valores também se percebe na personagem Ramonita, que aparentemente se apresentava como uma jovem dócil e simples, mas com a presença da pedra de diamante esses valores são sucumbidos pela ambição e pela inveja. É por meio de um encontro inesperado pela estrada da Guia, que Ramonita tem contato com a valiosa e discordante pedra de diamante, que faz com que a jovem assuma outra identidade, que não é mais de uma menina ingênua e simples e sim de uma mulher ambiciosa e invejosa. O que se percebe é que, pela posse da pedra as personagens sucumbem praticando os mesmos atos tornando-se seres *Semelhantes*, mostrando que o ser humano ao ser exposto a algo que lhe é apreciável, pode se revelar com outro tipo de identidade que coloca em descrédito toda sua trajetória de vida.

Mais uma mudança significativa no comportamento da moça fica exposta no encontro que ela tem com Rosendo, já no distrito da Guia, quando, de forma surpreendente os dois apaixonados estão pela primeira vez frente à frente. A jovem com a posse da pedra acreditava que surpreenderia seu amor e, da mesma forma que Abadia

sonhava em desfrutar com sua amada Umbelina, assim Ramonita também tinha planos de viver o resto de sua vida ao lado de Rosendo. Entretanto, nesse momento há um choque de personalidade entre os dois apaixonados, pois se de um lado, a jovem já havia se revelado como usurpadora de algo que não lhe pertencia, Rosendo era um homem que prezava por seus valores morais, que era a honestidade. Não conformada com o posicionamento de Rosendo a jovem tenta convencê-lo de que tinha feito a coisa certa se justificando: “Mas ele era um assassino, um ladrão, Rosendo... Um preto vagabundo que não merecia esta pedra, um preto bêbado e imundo...” (DICKE, 2011, p. 101).

Entre os dois cria-se uma dualidade de identidades, pois de um lado temos a ambição e a desonestidade prevalecendo por causa de bens materiais e do outro a honestidade e a valorização dos princípios éticos e morais de um ser humano. Numa forma de tentar resgatar os princípios de uma menina honesta e simples, Rosendo faz a seguinte proposta: “Se me queres, joga essa pedra no rio. Se não, fica com ela e nada mais há entre nós. Ou eu ou o diamante, Ramonita” (DICKE, 2011, p. 102). Mas vendo que o coração dela estava mais preso àquela pedra do que em seu amor, ele percebeu que entre os dois não havia possibilidade de ficarem juntos. Essa atitude tomada por Ramonita, de escolher ficar com a pedra custou-lhe muito caro. Assim como Abadia sentia-se perseguido pelo morto Salomão, Ramonita passou o resto de sua vida perseguida por sua decisão de abrir mão de seu amor por causa de um diamante. Sobre essa questão Berman (1986) tece as seguintes conclusões:

É uma voz que conhece a dor e o terror, mas acredita na sua capacidade de ser bem-sucedida. Graves perigos estão em toda parte e podem eclodir a qualquer momento, porém nem o ferimento mais profundo pode deter o fluxo e refluxo de sua energia. Irônica e contraditória, polifônica e dialética, essa voz denuncia a vida moderna em nome dos valores que a própria modernidade criou, na esperança — não raro desesperançada — de que as modernidades do amanhã e do dia depois de amanhã possam curar os ferimentos que afligem o homem e a mulher modernos de hoje (BERMAN, 1986, p. 22 – 23).

O que Berman discute é bem característico com a atitude que Ramonita tomou, pois foi pensando no *status* e na vida melhor que poderia ter que ela preferiu abrir mão de sua dignidade, honestidade e, também de seu amor por causa de valores materiais. O que fica caracterizado nesta dualidade é que por mais que o ser humano tenha uma personalidade que parece ser digna de respeito, ele pode se revelar de forma tal que causa

um espanto, assim como ocorreu entre os dois jovens. Desse modo fica caracterizado que o homem é um ser multifacetado e contraditório, algo que corrobora com as discussões que levantamos ao longo desse trabalho, sobre as identidades fragmentadas e deslocadas do homem moderno.

Referências Bibliográficas

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Tradução Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

DICKE, Ricardo Guilherme. **Os semelhantes**. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato, 2011.

_____. **Toda do Esquecido e Sinfonia Eqüestre**. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato, 2006.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

_____. **As conseqüências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006.